



“Alguma coisa está [sempre] fora da ordem” (Entrevista com Lourenço Chacon)

Aline Suelen Santos Sabatini¹, Cristiane Carneiro Capristano^{2*} e Elaine Cristina de Oliveira³

¹Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, Delmiro Gouveia, Brasil. ²Universidade Estadual de Maringá, Avenida Colombo, 5790, Jardim Universitário, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. ³Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: cccapristano@uem.br

Received on November 17, 2025.

Accepted on November 17, 2025.

Introdução

‘Alguma coisa está [sempre] fora da ordem’. Esta é a principal inquietação que atravessa e define a trajetória acadêmica de Lourenço Chacon na busca por compreender o funcionamento da linguagem. Essa inquietação tem se traduzido numa rica, diversificada e movente produção científica que inclui artigos em periódicos, capítulos de livro e livros, nos quais o autor tem paulatinamente construído e consolidado conhecimentos sobre ‘aquilo que escapa’, tendo, portanto, como objeto de investigação mais amplo as ‘instabilidades da linguagem’. A busca pelo entendimento de que o instável é constitutivo da linguagem e, portanto, não algo que deveria ser ‘corrigido, adequado, reabilitado ou excluído’ da linguagem, tem levado o autor a explorar importantes temas, dentre os quais se destacam o das hesitações na fala infantil e o das relações entre fonologia e convenções ortográficas na escrita infantil.

Lourenço Chacon fez sua graduação em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), mestrado e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-doutorado em Linguística pela University of Florida e pela Universidade de Lisboa. É livre-docente em Linguística e em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atua como membro da rede internacional de pesquisa Literacies in Different Fields of Knowledge, com financiamento CAPES-PrInt-UNESP e como pesquisador do Grupo de Trabalho (GT) ‘Estudos em Aquisição da Linguagem’ da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).

Ao longo de sua extensa carreira na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Marília (SP) e de São José do Rio Preto (SP), Lourenço atuou na graduação em Fonoaudiologia e na pós-graduação, tanto no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, em São José do Rio Preto, quanto no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Comunicação Humana, em Marília, ajudando a formar mais de uma geração de pesquisadores, orientando trabalhos em diferentes níveis: iniciações científicas, dissertações, teses e supervisões de pós-doutorado. Além de permanecer atuante nos dois programas supracitados, Lourenço é hoje professor visitante junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Outro importante e fundante traço de sua biografia é sua atuação como coordenador do Grupo de Pesquisa ‘Estudo sobre a Linguagem’ (GPEL/CNPq), grupo com caráter transdisciplinar, cuja produção científica, como sublinha o próprio autor em sua entrevista, alcança os campos da Linguística, da Fonoaudiologia e da Educação. O grupo, atualmente, comemora 25 anos de atividades e agrega uma rede ampla de pesquisadores e de pesquisadoras de diferentes níveis espalhados por diversas instituições de ensino e de pesquisa no Brasil.

Nesta entrevista, além de poder entrar em contato com uma reflexão madura e instigante sobre as dimensões epistemológicas e teóricas envolvidas na investigação das instabilidades da linguagem, o leitor terá acesso privilegiado ao modo como Lourenço Chacon, coordenador do GPEL nesses 25 anos, com seu olhar sensível e crítico, vê a constituição e os caminhos até agora trilhados por esse grupo.

Entrevista

Pergunta 1. Neste dossiê, nossa proposta é a de comemorar os 25 anos do Grupo de Pesquisa ‘Estudos sobre a Linguagem’ (GPEL/CNPq), sob a sua liderança. Poderia contar um pouco sobre o GPEL e sobre a sua

experiência como líder desse grupo de pesquisa? Como surgiu o grupo e qual é a sua relevância para a área de pesquisa na qual ele se inscreve?

Resposta. Começo, então, dizendo como surgiu o grupo. Em Outubro de 1999, voltei de um estágio de pesquisa (durante um ano) na University of Florida. A professora Luciana Tavares Sebastião, amiga e colega de trabalho junto ao Departamento de Fonoaudiologia da UNESP/Marília – ao qual éramos vinculados –, tinha assumido aulas e um estágio supervisionado do curso. Eram aulas e estágio que se voltavam para o que se entendia como Distúrbios de Leitura e Escrita. Ela, então, me mostrou a literatura com que – com incômodos – deveria trabalhar (produzida, essencialmente, no campo da Fonoaudiologia). Seus incômodos eram, a meu ver, bastante reais. Me surpreendi negativamente com o que ela me apresentou: dados bastante típicos, na escrita infantil, de segmentações não convencionais de palavras eram tidos, à época, nesse campo, como suspeitos, já que poderiam indicar problemas/distúrbios de escrita. Questionei essa literatura. Foi quando a professora Luciana me propôs que a gente criasse um grupo de estudos, ou de leituras, sobre a escrita infantil, e eu aceitei a proposta. Mas precisávamos de alunos de graduação interessados nesse tema. Falei, em sala de aula, sobre essa proposta e quatro alunas me procuraram para integrarem esse grupo (até então) apenas de leitura e discussão de textos.

Mas houve, naquele momento, uma conjunção de quatro fatores:

(1) as alunas tinham interesse em se inscrever para as bolsas disponíveis à época na nossa faculdade: CNPq/PIBIC e Pró-Reitoria de Extensão da UNESP. Fizeram sua inscrição, concorreram com outros interessados e conseguiram, todas, as bolsas pretendidas. Assim, de repente, me vi não mais com quatro alunas que iriam ler e discutir textos, mas com quatro orientandas, já que deveriam desenvolver pesquisas relativas a suas bolsas;

(2) paralelamente, eu coordenava outro pequeno grupo de leitura e discussão de textos, do qual participavam uma mestrande (Larissa Cristina Berti, hoje pesquisadora do GPEL) e cinco outras alunas de graduação. Líamos e discutíamos textos de Fonética e Fonologia, além de nos voltarmos para dados de crianças com o (atual) diagnóstico de Transtornos dos Sons da Fala, registrados em prontuários de atendimento da (então) Clínica de Fonoaudiologia da UNESP;

(3) vinculei-me, em 1999, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP (o IBILCE), ao qual ainda permaneço vinculado;

(4) iniciou-se, no campus da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP/Marília (a FFC), à qual o curso de Fonoaudiologia é vinculado, uma política de criação de grupos de pesquisa, bem como o incentivo para que fossem submetidos à apreciação pelo Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Essa política local foi conduzida, com muito entusiasmo, pela professora Mariângela Spotti Lopes Fujita, que, à época, se me recordo bem, ocupava a posição de presidente da Comissão de Pesquisa da FFC. Criamos, então, a professora Luciana e eu, o Grupo de Pesquisa ‘Estudos sobre a Linguagem’ (o GPEL) e enviamos a proposta de criação do grupo para o CNPq.

Deu certo. No final de 1999, a proposta foi aprovada e certificada pelo Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. E assim, fruto da conjunção desses quatro fatores, iniciou-se o GPEL, sob minha coordenação e a vice-coordenação da professora Luciana.

Agora passo a falar sobre a relevância do grupo para a área de pesquisa na qual ele se inscreve – usando as palavras de vocês. Bom... prefiro pensar que a relevância é para campos do conhecimento e não exatamente para áreas de pesquisa (no interior desses campos). Isso porque, atualmente, acho que essa relevância não é bem para um campo específico – o da Linguística –, mas para uma confluência de campos em torno de um ponto em comum: a linguagem, vista como objeto de investigação científica. A propósito dessa confluência, o nome ‘Estudos sobre a Linguagem’ não faria sentido se as investigações do GPEL tivessem apenas a Linguística como campo de inscrição – uma vez que qualquer estudo nesse campo seria sobre algum aspecto da linguagem. Feita essa ressalva, vamos lá. De 1999 até (talvez) 2003, acho que nós, estudantes e coordenadores do grupo, não pensávamos diretamente em contribuições mais amplas de nossas investigações para algum campo específico do conhecimento. A preocupação era bem modesta e precisa: apenas entender como os estudos de natureza linguística poderiam explicar fenômenos de linguagem situados como patológicos no campo da Fonoaudiologia. Daí, nossa preocupação em (i) fazer discussões sobre textos clássicos que circulam no campo da Linguística, para uma melhor compreensão do que poderíamos entender, nesse campo, como linguagem, e (ii) investigar fenômenos específicos da linguagem que eram situados, no campo da Fonoaudiologia, no espectro do que pode ser considerado patológico, como as chamadas trocas de sons na fala, as fugas às convenções ortográficas e as hesitações na fala de sujeitos parkinsonianos – já que

estas últimas eram entendidas não como uma questão de linguagem, mas como decorrentes apenas de dificuldades motoras na fala desses sujeitos.

E isso nos bastava.

Mas, a partir de 2004, uma demanda institucional me levou a fazer atividades de extensão em escolas municipais de educação infantil e de ensino fundamental. O que, a princípio, soou-me como apenas (ou mais uma) demanda da carreira profissional provocou um importante deslocamento nas minhas/nossas preocupações. Integrantes da Secretaria Municipal de Educação de Marília, no estado de São Paulo, me procuraram para atuar na formação de professoras alfabetizadoras. Nunca havia feito isso na minha vida; aliás, sequer pensava em fazer. Mas o acaso tem esse algo de fascinante, que é provocar deslocamentos. Na Secretaria, comecei, então, a fazer discussões com as professoras sobre Letramento, Alfabetização e suas relações, e passei a gostar bastante de preparar e coordenar tais discussões. Mas, aos poucos, várias professoras, mais familiarizadas comigo, passaram a levar para as discussões escritos de seus alunos em que se mostravam o que, para elas, seriam sérios problemas deles com as convenções ortográficas – como sempre, o problema é das crianças... Também as coordenadoras pedagógicas me pediram para atuar diretamente em escolas da Rede Municipal de Ensino. E, pela primeira vez na vida, me vi sentado em mesinhas de salas de educação infantil cercado de crianças falantes, curiosas, que queriam me mostrar o que produziam nas salas – e convocado, por elas e pelas professoras, a dar respostas ao que produziam. Foi quando me voltei com tudo para dados de escrita inicial nos quais as relações entre aspectos fonológicos da língua e aspectos das convenções ortográficas da escrita se mostravam em altíssimo relevo. Desse modo, a confluência inicial entre dois campos do conhecimento, a Linguística e a Fonoaudiologia, passou a integrar um terceiro campo: o da Educação. E é assim que entendo, hoje, o GPEL: como um grupo que produz conhecimentos de base linguística cujo alcance atinge os campos da Linguística, da Fonoaudiologia e da Educação. No entanto, institucionalmente, um grupo de pesquisa, de acordo com normas do CNPq, deve estar vinculado a um campo específico de conhecimento – no caso do GPEL, o campo da Linguística. Na prática, porém, o grupo é transdisciplinar, já que o conhecimento que seus pesquisadores e estudantes produzem vai além das fronteiras tradicionais dos três campos em confluência no GPEL (os da Linguística, da Fonoaudiologia e da Educação). Cada vez mais, vejo como nossas investigações promovem cooperações entre esses três campos, tanto no sentido teórico, construindo conhecimentos comuns a eles, quanto no sentido aplicado, fornecendo subsídios para práticas clínicas e pedagógicas com a linguagem.

Mas, ainda respondendo à pergunta de vocês, falta eu dizer sobre minha experiência como líder do GPEL. Muito bem... não me vejo nem nunca me vi como líder de coisa alguma. A propósito, esse termo com que o CNPq designa quem coordena atividades de pesquisa me incomoda bastante, sobretudo quando penso nas implicações de sentido de tal termo em tempos e em políticas (inclusive para a ciência!) neoliberais em que somos situados e acabamos por nos situar. Enfim, quase 26 anos depois de seu início, vejo no GPEL grande autonomia de pensamento e de investigação nos pesquisadores que o integram e, considerados seus diferentes graus de formações, também nos estudantes. Talvez meu papel seja, principalmente, o de refinar a compreensão de nossos objetos de investigação, entender melhor as implicações das bases epistemológicas dos conhecimentos que produzimos e discutir de que maneira(s) esses conhecimentos podem promover melhoras na saúde e na educação – principalmente de crianças. E é isso.

Pergunta 2. Neste dossiê, nossa proposta é, também, dar visibilidade a pesquisas que têm como interesse investigar as múltiplas possibilidades de abordar ‘o instável da linguagem’. Como o interesse pelas ‘instabilidades da linguagem’ surge em sua trajetória acadêmica?

Resposta. Bom... o interesse pelas ‘instabilidades da linguagem’ não foi algo pensado, já dado de antemão, em minha trajetória acadêmica. Demorei a entender que o que mais me chamava a atenção na linguagem eram justamente suas ‘instabilidades’. Em outras palavras, não me dei conta, imediatamente, de que o instável da linguagem, enquanto fenômeno, vinha, aos poucos, se tornando meu principal objeto de curiosidade e de investigação científica. Só me dei conta da força dele em minha trajetória de pesquisa bem próximo de pensar em meu trabalho de livre-docência.

Olhando retrospectivamente, toda a formação que tive (e desde a graduação!) enfatizava as regularidades da linguagem. E eu pensava que era fascinado por essas regularidades, já que o que tem de racional/científico na minha mente sempre buscava a ordem que presidia o acaso de um fenômeno.

Antes de ingressar na graduação em Letras – no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, campus de São José do Rio Preto, o IBILCE/UNESP –, tive formação em teoria e em harmonia musical. É impressionante, na música situada como ocidental, a presença da ordem na estrutura de uma composição!

Mas tinha a interpretação, que era o lugar da presença da subjetividade nessa ordem, movimentando-a com diminuições e acelerações na velocidade da performance musical e, ainda, com variações de volume, dentre outras coisas que produziam movimento ao estático de uma partitura musical. Portanto, algo ‘fora da ordem’ já fazia parte do modo como a presença da ordem se mostrava pra mim. Na graduação, eu tinha verdadeiro fascínio pela Gramática Gerativa Transformacional. Era instigante fazer um raciocínio sobre como uma estrutura profunda poderia gerar uma estrutura superficial por meio de regras transformacionais. Mas tinha a ‘pedrinha no sapato’: os chamados filtros. Nem sempre uma sequência de regras transformacionais poderia produzir uma cadeia linguística na superfície compatível com a estrutura profunda dessa cadeia. Para que não ocorressem incompatibilidades, à beira da superfície havia ‘filtros’, que impediam que algo não desejado aflorasse na cadeia. Mas esses ‘filtros’, pra mim, eram misteriosos, já que, pelo menos no que eu alcançava deles, sua ação de deixar passar, ou não, alguma coisa não era explicitada.

Depois, na pós-graduação, vieram outras regularidades – não mais as da língua, mas as do discurso. Daí meu fascínio não foi mais pela Gramática Gerativa Transformacional, mas pelas regularidades – institucionais, históricas – do discurso. Ao mesmo tempo, porém, eu tinha aulas de variação linguística (principalmente sintática e fonológica). E mudou também o tipo de incômodo com o que escapava à ordem: da mesma forma que o funcionamento dos ‘filtros’ gerativos era misterioso, também se mostrou misterioso o funcionamento (ou as bases) do que provocava a variação linguística.

Acho que o principal deslocamento de interesse meu da ordem para a ‘desordem’ (o que, posteriormente, vim a entender como e a chamar de instabilidades) veio, mesmo, com meu ingresso como professor no curso de Fonoaudiologia da UNESP/Marília. Uma expressão que, à época, bem definia o objeto principal de interesse desse campo me levava diretamente ao que, depois, entendi como o instável da linguagem: esse objeto era identificado pela expressão ‘distúrbios da comunicação’. Ou seja, não era mais o funcionamento convencional da comunicação que importava, mas, principalmente, aquilo que nele falhava. E a ‘falha’ passou a ser o que mais me despertou e desperta a curiosidade pela linguagem até hoje.

Em síntese: o instável foi algo que, pouco a pouco, veio a me instigar como objeto de investigação mais amplo. Hoje, minha principal inquietação de pesquisa é entender seu funcionamento na linguagem. Mas não foi um percurso pensado, fruto de algo deliberadamente buscado. Foi algo que, como já disse, aos poucos veio se mostrando, não conscientemente, nas minhas investigações bem como naquelas de pesquisadoras(es) e estudantes do GPEL. Instabilidades da linguagem é, na verdade, um conceito que sintetiza um percurso a cujo momento presente fui chegando, movido por sensações, deslizamentos, que não encontravam um nome agregador. Quando consegui nomear, acho que consegui entender para onde levava esse fluxo de sensações e deslizamentos.

Pergunta 3. Na sua tese de livre docência, ‘Instabilidades da linguagem: discurso, língua e suas relações’, defendida junto à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ (FFC/UNESP – campus de Marília), lemos, logo no início e a título de Introdução, sua posição contrária “[...] a uma visão do instável como algo não-apropriado, ou a uma visão dele como o incômodo da regularidade [Desse modo,] passei estes últimos 20 anos de minha trajetória de investigação tentando mostrar como ele é constitutivo da linguagem em todos os seus aspectos [...]” (Chacon, 2017, p.12). Poderia aprofundar e detalhar essa afirmação?

Resposta. Hoje aprofundo cada vez mais o entendimento de que o instável é constitutivo da linguagem. Mas, para chegar a esse entendimento, tive que ‘me desprender’ da quase postulação (comum nos estudos linguísticos, comunicativos e fonoaudiológicos) de que o que vim a entender e a conceituar como instável é algo a ser descartado (ou, no mínimo, reduzido) do funcionamento da linguagem. Como observei acima, vê-lo como algo a ser excluído por meio de ‘filtros’ ou como algo a ser reduzido, já que, por vezes, entendido como distúrbio, pressupõe uma ordem, quase uma normatividade, que presidiria o funcionamento da linguagem e que definiria como, idealmente, ela deveria ser. O que escapa a essa suposta ordem deveria, portanto, ser reenviado a ela ou ser excluído dela. Basta ver, por exemplo, no campo da Fonoaudiologia, como ainda circula a ideia de reabilitação, ou seja, a ideia de um funcionamento linguístico voltar à (ou se aproximar o máximo possível da) ordem de que ele, por alguma razão, se distanciou. Basta ver, ainda, no campo da Comunicação, a ideia de que pode haver ruído num processo, ou seja, algo que ‘perturbaria’ sua ordem. Basta ver, também, no campo da Linguística, a ideia de que se deve adequar a uma convenção aquilo que é visto como não convencional. Para mim, são diferentes formas de manifestação de um mesmo princípio: o de que há algo que escapa e que, se possível, deveria ser reenviado/reajustado àquilo de que esse algo escapou.

A todo momento, no trato com a linguagem, a gente depara com o lugar de exceção atribuído ao que, supostamente, foge à ordem. Conforme antecipei, frequentemente, esse ‘alguma coisa está fora da ordem’, como diz Caetano Veloso, é significado, no campo da Fonoaudiologia, como distúrbio ou transtorno; no campo da Linguística, como insólito (como se interpretam, por exemplo, dados de fala no ‘vir a ser falante’ da criança) ou como variação linguística; no campo da Literatura, como poético ou como fluxo de consciência; no campo da Educação, como erro. Essas são, em cada um desses campos, algumas (dentre muitas outras) formas de categorização do que conceituo como instável.

Já na morfologia da própria palavra ‘instável’ há um prefixo – ‘in’, com significado de ausência ou de negação. É porque se entende que o instável se define em função de (ou em oposição a) algo que se supõe como o estável. Assim, seria entendido como aquilo que foge ao estável, ou mesmo como a ausência do estável. Mas, para mim, estável e instável são apenas dois lados de um só e único fenômeno: aquele do funcionamento da linguagem, ele sim, por princípio, uma tensão entre o acaso de um fluxo e a tentativa de controle desse acaso, por meio de alguma ordem. É assim, para mim, a linguagem, essa tensão constante e tão desafiadora para ser entendida. Em suma: linguagem = tensão; tensão = concorrência entre acaso e ordem. E nesse meu modo de, atualmente, entender o funcionamento da linguagem, não cabe ver o que eu chamo de instável como algo que deveria ser corrigido, adequado, reabilitado ou, mesmo, excluído de seu funcionamento – já que ele é não um ‘ruído’, mas um aspecto constitutivo desse funcionamento.

Pergunta 4. Certamente há uma motivação teórica justificando sua escolha pelo estudo da ‘instabilidade da’ linguagem’ e não pelo estudo da ‘instabilidade na’ linguagem’. Poderia explicar a diferença entre esses dois modos de pensar a relação entre ‘instabilidade’ e ‘linguagem’ e comentar os eventuais efeitos dessa diferença para as pesquisas no campo dos estudos sobre linguagem?

Resposta. Se, como acabei de dizer, entendo o instável como constitutivo ‘da’ linguagem, é porque o vejo como uma de suas propriedades, um de seus (necessários) elementos fundantes, por assim dizer. Mas se o instável é entendido como estando ‘na’ linguagem, é porque ele não faria parte de sua constituição, ele seria algo que interferiria nessa constituição, ‘desajustando’, pois, a linguagem. Em outras palavras, nesta segunda visão, o instável viria ‘de fora’ da linguagem. Quando sua presença (não com esse nome, obviamente) era detectada, por exemplo, nos estudos primeiros da Gramática Gerativo Transformacional, o efeito dessa presença era remetido ao sujeito (ou, nessa visão, àquilo que é tido como idiossincrático do sujeito) e interpretado como um fenômeno de ‘performance’. Ou seja, algo ‘de fora’ da linguagem (no caso, de fora do que Chomsky chama de competência) e atribuído a questões físicas e/ou psíquicas do sujeito.

Nos meus primeiros estudos com sujeitos parkinsonianos também fui capturado por essa percepção do instável, já que atribuí sua presença à condição patologizante desses sujeitos. Entendia, por exemplo, que o funcionamento ‘alternativo’ das pausas que ocorriam na fala desses sujeitos se devia, antes e acima de tudo, à sua condição de parkinsonianos. É que, nessa época, eu me orientava, teórica e epistemologicamente, pelo modo como as relações sujeito/linguagem eram subtendidas na Perspectiva Textual-Interativa. Com meu gradativo deslocamento de olhar para tais relações, fruto da leitura de trabalhos de Pêcheux, de Authier-Révuz e, no Brasil, de Leda Verdiani Tfouni, a compreensão do que vim, aos poucos, entendendo como (e chamando de) instável mudou radicalmente.

Então é bastante certa a observação que vocês fazem, no enunciado da presente pergunta, de que “Certamente há uma motivação teórica justificando sua escolha pelo estudo da ‘instabilidade da’ linguagem’ e não pelo estudo da ‘instabilidade na’ linguagem’” (destaques de vocês). Sem dúvida alguma! Foi em razão de uma grande mudança teórica e epistemológica que passei a entender o instável não como estando ‘na’ linguagem, mas como sendo constitutivo ‘da’ linguagem. Mudança teórica, porque se trata de ver o discurso não apenas em sua linearização – como se observa, predominantemente, nos estudos situados na Perspectiva Textual-Interativa –, mas principalmente como uma ordem que preside o dizer, embora movente, em que a linearização é apenas aquilo que se mostra, linguisticamente, do funcionamento heterogêneo e, em grande medida, inacessível dessa ordem, já que, em sua constituição, operam processos ideológicos e inconscientes, em estreita relação. Mudança epistemológica, porque passei a ver o sujeito não como fonte do (seu) dizer, mas, acima de tudo, como efeito da complexa configuração do (seu) dizer.

Pergunta 5. Há uma instabilidade ‘da’ linguagem e uma instabilidade ‘da’ língua? Há instabilidades ‘da’ fala e instabilidades ‘da’ escrita? Em caso afirmativo, como essas diferentes ‘instabilidades’ se relacionam e como elas se diferenciam?

Resposta. Se, como penso, a instabilidade é ‘da’ linguagem, ela obrigatoriamente deveria ser tomada como “[...] norma de todas as outras manifestações da linguagem” (Saussure, 2006 [1979]), pp. 16-17, destaque do

autor). Bom, é importante destacar que Saussure não está falando do que entendo e conceituo como instabilidade, mas da língua. Penso, porém, que se pode fazer uma analogia invertida entre o papel que Saussure atribui à língua em relação ao heterogêneo da linguagem e o papel que atribuo ao instável na complexidade da linguagem. Digo analogia invertida porque, em Saussure, se trata de buscar a ordem no acaso e, no que me diz respeito, se trata de buscar o acaso na ordem. Desse modo, se o instável, como eu penso, é um aspecto constitutivo, fundante, da linguagem, ele deve se mostrar, de alguma maneira, nos diferentes modos de apresentação da linguagem.

Vejamos, então, exemplos de sua presença nos outros três aspectos da linguagem que vocês destacaram: a língua, a fala e a escrita. Quando a gente diz, por exemplo, que ‘uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa’ ou que ‘A mãe pegou a criança chorando’, a instabilidade se mostra na própria língua. Os sentidos que se podem atribuir a uma mesma palavra são, como se vê, moventes – assim como também são moventes as estruturas sintáticas de um enunciado. Me lembro, ainda, de um de meus dados de análise: ‘eu f/tive que fazer uma cirurgia’. A gente observa, nesse dado, uma marca de hesitação, ou seja, um corte brusco logo após a emissão de um fonema, o /f/. O que sugere essa marca? Dizeres sobrepostos: ‘eu fiz uma cirurgia’ / ‘eu tive que fazer uma cirurgia’. As hesitações são elementos quase didáticos, por assim dizer, de se observar o efeito da instabilidade da linguagem na fala. Por fim, me vem logo à cabeça uma flutuação de segmentação, em um mesmo texto de criança, que já analisei: ‘inpé / em pé’. A diferença na demarcação de palavras por meio de espaços em branco em tal texto mostra, mais uma vez, a instabilidade da linguagem, agora em um aspecto da escrita que é o da segmentação de palavras. Também essas flutuações e, especialmente, as rasuras são excelentes pontos de observação da instabilidade da linguagem na escrita.

Pergunta 6. Quando pensamos na instabilidade, invariavelmente nos vem à mente também a possibilidade da ‘estabilidade’. Como o ‘instável’ da linguagem (e, por extensão, da língua, da fala, da escrita e de outras formas de manifestação da linguagem) se relaciona com o ‘estável’ da linguagem (e, por extensão, da língua, da fala, da escrita e de outras formas de manifestação da linguagem)? Pesquisas sobre a instabilidade ‘da’ linguagem seriam incompatíveis com pesquisas que voltam seu olhar para a dimensão ‘estável’ da linguagem (se é que ela existe)?

Resposta. Pra mim, não é por acaso que, quando se pensa na instabilidade da linguagem em todas as suas manifestações, venha à mente, também, sua estabilidade. Trata-se ‘dos dois lados de uma mesma moeda’, na medida em que um desses lados é, sempre, a contraparte constitutiva do outro lado. Normalmente, como disse acima, os olhares (por exemplo, da Linguística e da Fonoaudiologia) se voltam para a contraparte dessa ‘moeda’ que é a do estável, já que eles detectariam o que, por excelência, corresponde à ordem tida como própria à linguagem. Também como disse acima, nesses olhares, o instável corresponde ao incômodo, ao que foge a essa ordem supostamente própria à linguagem. Desse modo, neles, o instável não seria desejável na linguagem.

Mas se olhares da Linguística e da Fonoaudiologia quiserem ver o instável como sendo ‘da’ linguagem, eles detectarão, por um lado, como algo que se percebe como instável tem como referência algo que se percebe como estável ou, por outro lado, como algo que se percebe como estável tem como referência algo movente em sua própria estabilidade, algo que, a todo momento, pode escapar a ela, deslizar para outra coisa – e digo isso inspirado em Pêcheux. O estável seria, então, necessariamente – mas também ilusoriamente –, algo que visa à contenção disso que (lhe) escapa. Ilustra muito bem essa tentativa de contenção feita pelo estável a célebre afirmação de que “[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 2015, p. 53) – uma vez que o estável que se busca ver/detectar num enunciado a todo momento se encontra ameaçado pela (sua) deriva.

Pergunta 7. Na sua opinião, quais são os principais desafios enfrentados pelos pesquisadores e pesquisadoras que se interessam por investigar a instabilidade ‘da’ linguagem, seja o instável que se manifesta no acontecimento da fala, da escrita ou nos acontecimentos em que fala e escrita se entrelaçam?

Resposta. Tenho entendido a linguagem como uma tensão, um jogo, entre movência e fixidez. Obviamente, como se trata de tensão ou de jogo, nada na linguagem é só movência ou só fixidez. Isso porque, já na movência, há a fixidez, como a gente pode observar nas regularidades discursivas. Na linguagem, por um lado, se atribuímos preferencialmente ao discurso o lugar da movência, vamos ver que ela se mostra subjugada ao que podemos chamar de regularidades discursivas, ou seja, subjugada a tentativas de direcionamento da movência, as quais, em termos foucaultianos, se pode entender como uma ordem. Em outras palavras, a deriva, sempre prestes a emergir (em eventos de fala e de escrita), se vê contida, na superfície do discurso, pela ilusão de coesão e coerência do dizer. Por outro lado, se atribuímos preferencialmente à língua o lugar da fixidez, vamos ver que o próprio estatuto de suas unidades (fonológicas,

morfológicas, lexicais, sintáticas) é sempre movente. Nada melhor do que a ideia de variação linguística para ver como a movência está constitutivamente presente na ilusão de fixidez da língua. Em outras palavras, a suposta fixidez da língua se vê sempre ameaçada pela sua própria opacidade.

Desse modo, respondendo à primeira parte da pergunta de vocês, os principais desafios enfrentados pelos pesquisadores e pesquisadoras que se interessam por investigar a instabilidade ‘da’ linguagem são, a meu ver, os de enfrentar, por um lado, a deriva do discurso e, por outro lado, a opacidade da língua.

Pergunta 8. Em seus trabalhos e apresentações mais recentes, sobretudo aqueles voltados para a escrita infantil, vemos delinear-se a defesa de um ponto de vista sobre a escrita e o seu funcionamento que vai na contramão das formas mais comuns de se descrever, de se estudar e de se ensinar a escrita. Poderia falar um pouco sobre essa concepção de escrita e de que modo ela pode nos ajudar a pensar a instabilidade ‘da’ linguagem e da própria escrita?

Resposta. Até bem recentemente, vinha concebendo a escrita como um fato de linguagem, no sentido de que ela seria “[...]simultaneamente, um produto e um processo de linguagem, ou seja, ao mesmo tempo, uma organização linguística e uma prática que promove essa organização”. Dito de outro modo, a escrita seria, então, “[...] uma prática que mobiliza uma língua” (Chacon, 2023, p. 46). Metodologicamente, postulei na escrita dois grandes planos, que chamei de ‘plano do dito’ e de ‘plano do dizer’. Em cada um desses dois planos, postulei diferentes dimensões. Por um lado, entendia o plano do dito como aquele em que o olhar deveria se voltar para como “[...] se organizam, nos enunciados escritos, aspectos da língua como: os sons (aspectos fonético-fonológicos); as palavras (aspectos morfológicos); as frases (aspectos sintáticos); os significados (aspectos semânticos)” (Chacon, 2023, p. 46). Por outro lado, entendia o plano do dizer como aquele em que o olhar deveria se voltar para as condições que determinam a escrita enquanto fato de linguagem. Desse modo, o olhar seria para como, nos enunciados escritos, “[...] se mostram seus ajustes: às relações intersubjetivas (aspectos enunciativos); às demandas contextuais (aspectos pragmáticos); e a determinados campos de saber/dizer (aspectos discursivos)” (Chacon, 2023, p. 48).

Passei, no entanto, a me interrogar sobre certas características dessa visão – já que me suscitavam incômodos na maneira como vinha concebendo a escrita. A primeira interrogação: o que eu deveria entender como fato de linguagem? Concebida assim, enquanto fato de linguagem, a escrita seria um enunciado no qual eu deveria recuperar (seus) aspectos linguísticos (em sentido estrito), enunciativos, pragmáticos e discursivos? Naquele momento, não consegui entender (e, portanto, definir) o que entendia como fato de linguagem – algo, pra mim, até hoje absolutamente vago. A segunda interrogação: o aspecto que eu defini como discursivo nessa concepção se reduziria à inscrição da escrita em ‘campos de saber/dizer’? Quão redutora essa definição...

Para responder a tais interrogações, venho reformulando essa minha primeira concepção. Não está, até o presente momento, pronta a reformulação – portanto, ainda não foi nem será publicada até que me sinta satisfeito com sua elaboração. Mas adianto, em minha resposta a esta pergunta de vocês, os pontos principais do deslocamento de concepção que venho fazendo.

Atualmente – e, reforço, concepção ainda em curso –, tenho pensado a escrita como um acontecimento de linguagem, acontecimento no sentido que Pêcheux atribui a esse termo – de encontro entre uma atualidade e uma memória, ou seja, de uma presentificação da história. Nesse sentido, enquanto acontecimento, vejo, metodologicamente, na escrita dois grandes planos: aquele do funcionamento da língua (que mantenho, ainda, da concepção anterior) e aquele do funcionamento do discurso (agora visto de maneira totalmente distinta da anterior). Em outras palavras, trata-se, então, de uma visão que tenho chamado de linguístico-discursiva da escrita.

No plano do funcionamento da língua, metodologicamente, situo e posso analisar (separadamente ou em seu conjunto) fatos linguísticos como os das dimensões fonológica, morfológica, sintática e semântica da língua. Em cada uma dessas dimensões, consigo detectar a tensão entre o instável e o estável da linguagem, ou seja, entre aquilo que, nelas, remete, simultaneamente, à força do acaso e à força da ordem. Em outras palavras, numa segmentação não convencional de palavras na escrita infantil, posso detectar tensões entre diferentes constituintes prosódicos ou, ainda, entre diferentes estatutos do que, na perspectiva da criança, corresponderia a uma palavra, dados os (des)acordos entre seus aspectos fonológico, morfológico, semântico, ortográfico... Ou seja, posso detectar, num episódio de segmentação não convencional de palavras, várias ordens em desordens, isto é, sobreposições talvez aleatórias (já que remetem ao novo, ao acaso da atualidade do acontecimento da escrita) de estruturas (linguísticas) inscritas na memória – do escrevente, mas também da própria língua.

Já no plano do funcionamento do discurso, também metodologicamente, situo e posso analisar (separadamente ou em seu conjunto) fatos discursivos como os das dimensões que agora venho entendendo como enunciativa, pragmática e imaginária do discurso. Também em cada uma delas consigo situar e analisar, na escrita infantil, tensões entre o instável e o estável no modo como, na dimensão enunciativa, por exemplo, o eixo eu/tu se (des)estabiliza, gerando (des)ajustes espaciais e temporais na organização dos eventos colocados em cena num episódio de escrita. Essas tensões podem ainda ser detectadas no modo como, na dimensão pragmática, as informações que provêm da contextualização do dizer ora se mostram ora se escondem, provocando no leitor, ao mesmo tempo, sensações de estabilidade e de instabilidade na recuperação que faz dos aspectos contextuais que ancoram o dizer. Por fim, essas tensões podem ser detectadas no jogo entre diferentes lugares imaginários em que se inscreve o dizer do sujeito, desde aquele entre um lugar organizador dos demais (que resulta na ilusão de coesão e coerência do dizer) àquele mostrado pela ausência de dominância de um lugar sobre os outros (que resulta, na escrita, na dispersão do dizer).

No entanto, devo fazer uma importante observação no que se refere às relações entre língua e discurso nessa concepção que venho chamando de linguístico-discursiva: conforme antecipei, a separação entre o que estou entendendo como plano da língua e como plano do discurso é apenas metodológica. A propósito, é já bastante comum a afirmação de que não há discurso sem língua. Mas é importante reforçar que também não há língua sem discurso. Isso porque é o histórico do discurso que vai moldando, por assim dizer, as regularidades do que entendemos como língua. E digo isso, de certo modo, inspirado na afirmação saussureana de que a língua seria “[...] um tesouro depositado ‘pela prática da fala’ em todos os membros pertencentes à mesma comunidade [...]” (Saussure, 1979, p. 21, destaque meu).

Ou seja, a língua seria quase que um complexo conjunto de ‘cristalizações’ do que, para Saussure, corresponderia a seus usos. Como prefiro interpretar, ela corresponde a regularidades (fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas) produzidas pelo histórico do discurso.

Termino minha resposta a essa questão de vocês reforçando que a organização da parte linguística de um acontecimento é, sempre, determinada pela força das regulações que presidem o dizer, ou seja, pela força das regulações históricas. Em outras palavras, o que, na parte linguística de um acontecimento, identificamos como sua estrutura fonológica, morfológica, sintática e semântica dependerá de como se constitui sua parte histórica (ou, dito de outro modo, da parte que corresponde à (sua) memória discursiva).

Pergunta 9. Para encerrar esta entrevista e considerando sua experiência e o aprofundamento teórico que suas reflexões têm alcançado, poderia comentar quais são, atualmente, os desafios do GPEL como grupo de pesquisa, sobretudo no que concerne à investigação da instabilidade da linguagem?

Resposta. De modo implícito ou explícito, as pesquisadoras e os pesquisadores do GPEL lidam muito bem e trabalham sem problemas – e prazerosamente – com a instabilidade da linguagem. Acho que a força da presença da instabilidade nas investigações delas e deles tem se tornado, a cada dia, mais sentida, melhor entendida e, conseqüentemente, definida com maior profundidade e melhor precisão. Ecos dessa profundidade e dessa precisão venho detectando, também, nas investigações dos estudantes do GPEL, desde aquelas em nível de iniciação científica àquelas em nível de doutorado. Exemplos mais concretos que me vêm à mente neste exato momento seriam, por exemplo, de um ponto de vista teórico, os complexos ajustes e desajustes entre produção e percepção de fala, entre fluência e disfluência da fala, entre fala e escrita, entre o que se tem como normal e o que se tem como patológico na linguagem. Já de um ponto de vista metodológico, seriam, por exemplo, as (in)compatibilidades entre (i) pesquisas baseadas em dados experimentais ou em dados mais naturalísticos, por assim dizer, e (ii) pesquisas baseadas em dados quantitativos ou indiciários. Mas me parece que investigar a tensão entre o instável e o estável da linguagem é algo que se impõe a todas e todos os integrantes do GPEL – talvez porque investigá-la seja a melhor forma de elas e eles responderem às inquietações que as/os têm levado ao grupo e as/os têm feito permanecer nele.

Referências

- Chacon, L. (2017) *Instabilidades da linguagem: discurso, língua e suas relações* [Tese de Livre Docência, Universidade Estadual Paulista (Unesp)]. Repositório Institucional da Unesp.
- Chacon, L. (2023). Características linguístico-discursivas da escrita: Um olhar para a escrita infantil. In A. J. Vieira, A. Del Ré, & R. N. Hilário (Orgs.), *E por falar em linguagem da criança...* (pp. 44–58). Editora Zouk.
- Pêcheux, M. (2015). *O discurso: estrutura ou acontecimento* (Trad. E. P. Orlandi). Pontes Editores.
- Saussure, F. de. (2006 [1979]). *Curso de linguística geral* (Trad. A. Chelini, J. P. Paes, & I. Blikstein). Cultrix.